

Ocupar Espaços: articulações entre identidade, mobilidade simbólica e reconhecimento social dos moradores de periferia

Paula de Souza Kimo

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, em dezembro de 2006, com orientação do Professor Ricardo Fabrino.

Ocupar Espaços: articulações entre identidade, mobilidade simbólica e reconhecimento social dos moradores de periferia

Paula de Souza Kimo

Resumo: Das páginas policiais aos noticiários de cultura. Da visão de exclusão econômica à reflexão sobre a inclusão política e ética. Da ameaça pela arma de fogo à apropriação tecnológica e às imagens cotidianas que dão visibilidade às pessoas comuns. Diante das perspectivas da modernidade tardia, onde as identidades são arquitetadas contínua e reflexivamente, pretende-se explorar a luta pelo reconhecimento social, discutida por Axel Honneth (2003) e as possibilidades de mobilidade simbólica através da mídia, defendidas por Simone Rocha (2005) como alternativas para a construção de novas visões e práticas sobre a vida na favela. Partindo da experiência do projeto *Ocupar Espaços*, faz-se um contraponto entre a produção simbólica veiculada nas mídias “tradicionais” e os produtos culturais fruto da apropriação de ferramentas de produção midiática pelas pessoas residentes nas periferias. Por tratar-se de um objeto empírico complexo, busca-se uma leitura de como a sociedade conversa com a sociedade, desenvolvendo a análise sob a ótica das interações sociais.

Palavras-chave: identidade, reconhecimento social e periferia.

Ocupar espaços como exercício de cidadania, mostrar-se e ver-se na imagem á luz do direito à expressão e à opinião. Através de vídeos e intervenções públicas urbanas como a sociedade pode conversar com a sociedade? Como as diferentes culturas podem intercambiar experiências e abrir campos para construção de novas visões de mundo? Além disso, como as comunidades de periferia estão constituindo novos caminhos para o reconhecimento em detrimento às imagens estigmatizadas da grande mídia que, ou reduzem a favela a um espaço de exclusão, descaso e ameaça social, ou expõe a vida na periferia sob a ótica do belo? Nas duas perspectivas, parte das dimensões que compõe a vida social na periferia é deixada de lado.

A partir destes e de alguns outros questionamentos a Organização Não Governamental (ONG) Oficina de Imagens – Comunicação e Educação¹ desenvolveu o projeto *Ocupar Espaços*². De fevereiro a agosto de 2006, as comunidades dos Aglomerados Serra e Santa Lúcia, em Belo Horizonte/MG, participaram de um projeto piloto que propunha, a princípio, um intercâmbio para produção de vídeos que culminaria em uma vídeo-instalação simultânea. A partir daí, no contato com a comunidade e com os processos de produção audiovisual uma série de caminhos foram percorridos, linhas de ação no campo da educação, cultura, estética, política, arquitetura e urbanismo se entrecruzaram e constituíram um processo rico em significações e provocações para a cidade e para as próprias comunidades.

O *Ocupar Espaços* trabalha na perspectiva do intercâmbio cultural e da democratização do acesso às novas tecnologias digitais, ligadas aos movimentos artísticos contemporâneos, para as populações residentes em aglomerados urbanos das grandes cidades. A principal provocação do projeto se faz acerca da ocupação dos espaços urbanos pelas pessoas da cidade através de uma produção audiovisual local. A dicotomia existente entre “morro” e “asfalto” é abordada sob a ótica do encontro e da circulação das pessoas por estes espaços, sempre com uma câmera de vídeo em mãos, vislumbrando o deslocamento de olhares sobre as comunidades de periferia e as pessoas que lá residem.

Do uso das novas tecnologias de produção e circulação digital de informações (vídeo e internet), passando pelos processos de mobilização comunitária, intercâmbio cultural, intervenção urbana e experimentação de linguagens em laboratórios de criação

¹ A ONG Oficina de Imagens – Comunicação e Educação foi fundada em julho de 1998, a partir de pesquisas realizadas por um grupo de jornalistas, com o objetivo de refletir sobre a presença dos meios de comunicação na formação de crianças e adolescentes. A finalidade da entidade é pesquisar, desenvolver e difundir métodos educacionais, através de processos de comunicação, para a formação de cidadãos críticos, participativos e conscientes do seu papel de transformação e desenvolvimento social e humano.

² A primeira edição do Projeto Ocupar Espaços faz parte do Programa Filme Minas de estímulo ao Audiovisual da Secretaria de Estado de Cultura, na categoria Novos Formatos, através da Lei Rouanet, Ministério da Cultura, com recursos da CEMIG (www.ocupar.org.br).

coletiva, o projeto desenvolveu uma série de vídeos, tv's de rua³ e, ao final, um evento denominado Circuito Audiovisual Interativo⁴.

O projeto *Ocupar Espaços* é percebido como um objeto empírico múltiplo, com vários eixos para análise e que, por isso mesmo, requer uma reflexão detalhada, bem articulada, além de uma metodologia capaz de abranger sua complexidade. Dessa forma pode ser válida uma tentativa de leitura acerca da sua totalidade. Para este trabalho, tal reflexão não será possível, entretanto, buscaremos os pontos de conexão e as significações produzidas com foco nas abordagens sobre identidade, reconhecimento social e mobilidade simbólica, conceitos que serão discutidos ao longo do artigo.

Além disso, o *Ocupar Espaços* é um projeto interdisciplinar que transita pelos campos da cultura, comunicação, educação, arte e tecnologia, políticas sociais e arquitetura e urbanismo, diante desta pluralidade de campos o olhar comunicacional irá perceber as interações desenvolvidas e provocadas ao longo do projeto.

A Comunicação interligando espaços

Abordar uma experiência interdisciplinar sob o olhar da comunicação exige a princípio uma breve caracterização da perspectiva comunicacional que irá conduzir nossas reflexões. Estudos epistemológicos neste campo há tempos admitem a complexidade e transdisciplinaridade da área e, ao assumir este lugar poroso e permeável às inovações e relações com outros campos do conhecimento, a comunicação não mais se reduz à teoria da informação, ou teoria matemática da comunicação. Agora as idéias de rede, perspectiva relacional e hipertexto⁵ vêm sendo amplamente abordadas nos estudos da comunicação e para nosso objeto empírico, dão conta de traduzir as relações estabelecidas entre as

³ As tv's de rua articulam ocupação de espaços públicos de periferia, exibição de vídeos sobre e para as comunidades, apresentação e intercâmbio de grupos culturais dos Aglomerados Serra e Santa Lúcia e a comunicação entre as vilas dos aglomerados tendo como instrumentos o audiovisual e a cultura local.

⁴ No dia 26 de agosto de 2006, as Praças da Barragem Santa Lúcia e do Cafezal/Serra constituíram um Circuito Audiovisual Interativo: projeções de imagens no espaço, cabines de áudio, comunicação via internet e interfaces entre corpo, computador e imagem são as bases deste circuito.

⁵ Segundo Pierre Levy (1993) a idéia de hipertexto foi anunciada em 1945, quando Vannevar Bush levantou a proposição de que a mente humana funciona por associações. “Ela pula de uma representação para outra ao longo de uma rede intrincada, desenha trilhas que se bifurcam, tece uma trama infinitamente mais complicada, do que os bancos de dados de hoje ou os sistemas de informação de fichas perfuradas existentes em 1945” (LEVY, 1993, pág. 28).

produções audiovisuais, os públicos envolvidos, as implicações político-estéticas no nível da cidade e da sociedade, os campos disciplinares que compõe o escopo técnico-teórico do projeto, além dos processos de construção identitária, reconhecimento social e mobilidade simbólica.

“A comunicação compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado por meio de uma materialidade simbólica (de produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe fluxos”. (FRANÇA, 2002c, p.27)

A metáfora de rede ou estrutura reticular advém do final deste século em substituição a teoria vetorial, unilateral da comunicação clássica com o modelo de fluxo linear de informações entre o emissor e o receptor. O hipertexto traz a leitura da complexidade do mundo, busca um método que capte a interação e o entrelaçamento dos elementos da realidade produzindo um conhecimento complexo, pois a realidade é plural e exige um pensamento plural.

Se hoje absorvemos com naturalidade a idéia de rede, é preciso lembrar que ela contrasta fortemente com a maneira como o processo comunicativo era percebido até bem pouco tempo atrás... (...)... a comunicação veio sendo estudada e compreendida de forma quase hegemônica neste século não como rede, mas como vetor; como fluxo linear de informações entre um emissor (E) e um receptor (R). (FRANÇA, 2002b, p.60)

A metáfora da rede passou a ser mais utilizada nos últimos tempos vindo ao encontro de movimentos da internet, a grande rede que, a partir de um simples *click* no *mouse*, traça ligações entre *sites*, *links*, janelas, informações, países, acontecimentos, realidades e conhecimentos que, interligados rompem com a barreira espaço-temporal. Apesar de estar em voga devido à grande participação das novas tecnologias e formas de comunicação ligadas à Internet, a metáfora da rede, está diretamente ligada às relações sociais existentes desde o início da humanidade, pois essas traçam uma teia de informações e significações no universo cotidiano.

Pensar o *Ocupar Espaços* na perspectiva de rede nos remete, inicialmente, a duas constatações de acordo com as diretrizes e ações realizadas no projeto. Primeiro, nosso objeto interliga pessoas de diferentes lugares num mesmo processo de apropriação das ferramentas da comunicação para o exercício da expressão e difusão cultural. Durante seis meses moradores dos Aglomerados Serra e Santa Lúcia e de alguns bairros do “asfalto”

compuseram um grupo de criação coletiva que produziu quinze vídeos⁶ sobre as comunidades, processos de intercâmbio entre elas e entre pessoas do morro e do asfalto.

A cidade produz guetos, favelas que estão à margem da cidade dita como formal. Além disso, os próprios guetos não dialogam entre si. A proposta do *Ocupar Espaços* é, antes de qualquer coisa, um movimento de interação entre as favelas, e entre as favelas e o asfalto. Promove-se uma rede de sentidos e ações que traduzem a pluralidade de olhares sobre as periferias e as relações delas com a cidade formal, e isso está expresso na produção audiovisual. De acordo com Vera França (2002b, p.62), as redes “ênfatizam a natureza das trocas simbólicas, a intervenção criativa dos homens, o dinamismo inscrito no terreno da experiência e do vivido, a diversidade e pluralismo que marcam as pequenas cenas do cotidiano”. Ao compor um grupo de criação coletiva de vídeos com pessoas de diferentes realidades sócio-culturais, o projeto buscou uma multiplicidade de olhares partindo do pressuposto de que as diversas realidades precisam ser reveladas e conectadas para que, com isso, sejam possíveis o deslocamento de significações, a troca de experiências e a construção de novas visões de mundo.

Segundo, no dia do Circuito Audiovisual Interativo, a internet, meio prático de aplicação da metáfora da rede, promoveu um intercâmbio em tempo real entre as duas periferias. Cada uma das duas praças que compôs o circuito (Praça da Barragem Santa Lúcia e Praça do Cafezal/Serra) recebeu uma cabine de acesso á internet com 1 *megabyte* para transferência de dados. Através de um programa de comunicação via internet, o *messenger*, moradores de uma comunidade puderam se comunicar com moradores da outra comunidade. Além disso, a imagem dos internautas foi projetada na praça para que todos pudessem ver e ouvir esta possibilidade de comunicação. A provocação política deste gesto se dá na medida em que se relaciona com as políticas de inclusão digital, ainda incipientes nas comunidades de periferia.

O enfoque dado ao objeto, sob o entendimento relacional, comporta além de receptores, mensagens e emissores quantitativa⁷ e qualitativamente indefinidos, também o ambiente e o processo nos quais se desenvolvem as interações entre as ferramentas de

⁶ Os vídeos podem ser visualizados no site: www.ocupar.org.br ou www.youtube.com/user/ocuparespacos.

⁷ O projeto envolveu diretamente 20 pessoas na produção dos vídeos, além destes, cerca de outras 40 pessoas participaram da produção das imagens. Não foi possível quantificar o público das 8 edições da tv de rua. Estima-se que, no dia do Circuito Audiovisual Interativo, cerca de 1.000 pessoas passaram por cada uma das

comunicação e os sujeitos envolvidos. As conotações sociais, culturais, políticas e estéticas e as possibilidades de produção de novas representações sobre a periferia são lançadas em nossa rede de análise. No projeto, o morador de favela tem diante de si a possibilidade de produzir informações sobre sua realidade a partir do seu ponto de vista, além disso, ele é provocado a conhecer e trocar experiências com outra comunidade que convive com situações parecidas, mas, cada uma com suas singularidades. Nestas dinâmicas uma série de linhas de ação são acionadas.

Pensar a comunicação sob um enfoque relacional requer pensar as relações entre as pessoas. O projeto em questão promoveu encontros de articulação com as comunidades e entre as comunidades. Investiu-se nas relações interpessoais e coletivas, pois, os sentidos que o projeto buscava só poderiam ser acionados a partir dos sujeitos envolvidos e da visão de mundo de cada um. Novas representações e experiências fluem e são partilhadas em rede porque existem as relações sociais. A comunicação é vivenciada quando o jogo de mensagens admite o compartilhamento de sentidos.

Os meios e produtos de comunicação promovem interfaces entre as diferentes culturas participando da constituição simbólica da vida social. Através da televisão, do cinema, do impresso, do rádio, da internet, dentre outros, a sociedade conversa com a sociedade. A partir dos produtos comunicativos o tempo e o espaço não se apresentam como barreiras para o conhecimento da sociedade pela sociedade. É claro que, a partir do momento em que se representa uma realidade, algo desta fica preso nos enquadramentos⁸ e nas abordagens dos produtores, mas, mesmo assim, a dinâmica social é colocada em jogo para e entre as pessoas. José Luiz Braga e Regina Calazans (2001) ao tratarem o objeto do campo da comunicação remetem ao termo conversação social utilizado por Francisco Rüdiger.

praças. Além disso, os vídeos estão disponíveis na internet, em dois sites. DVD's com a produção dos vídeos estão sendo distribuídos para a comunidade e para as pessoas que se interessaram pelo projeto. Também é possível considerar a circulação do Ocupar Espaços via programas de televisão, matérias em jornais impressos e artigos acadêmicos.

⁸ Erving Goffman (1986) define enquadramentos como os “princípios de organização que governam os eventos sociais e nosso envolvimento nestes eventos. Segundo o autor, tendemos a perceber os eventos e situações de acordo com enquadramentos”. Nesse sentido, “enquadramentos são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais” (PORTO, 2004, pág.78).

Francisco Rüdiger, comentando Gabriel Tarde (em texto de 1901), desenvolve a proposição de que a conversação constitui “uma espécie de mediação cotidiana do conjunto das relações sociais, da difusão das idéias e da formação das condutas que têm um lugar na sociedade” (RÜDIGER, 1998:16). É uma excelente síntese do que constituiria, em essência, o objeto do Campo da Comunicação. O termo “conversação” tem a vantagem de não se confundir com qualquer interação social. A expressão “conversar” chama atenção imediatamente para o aspecto de troca comunicacional (...) (BRAGA & CALAZANS, 2001, p.16).

Nestes movimentos de conversação social, as mídias podem aproximar e afastar as diferentes e distantes culturas, traduzir o global em âmbito local, “oferecer insumos às pessoas para que elas mesmas pensem sobre o mundo, suas ambigüidades, contradições e desigualdades” (ROCHA, 2005, p. 187). Mostrar o que de perto não se pode, ou não se quer ver. A favela é um espaço que a cidade vê através dos meios de comunicação. No decorrer da realização do projeto percebeu-se que as próprias favelas não se conhecem, apesar de se reconhecerem num mesmo lugar ocupado na sociedade. Ao interligar comunidades, ao conectar morro e asfalto o projeto *Ocupar Espaços*, busca mediar uma conversa entre estes diversos mundos. As trocas comunicacionais decorrentes do projeto conduzem nossa reflexão a três pontos: os processos de construção identitária, a busca pelo reconhecimento social, e as possibilidades de mobilidade simbólica a partir do deslocamento das esferas e dos olhares na produção midiática.

Em busca das identidades: o olhar sobre a periferia e o olhar da periferia

Quando uma pessoa se apropria de uma câmera de vídeo para produzir imagens sobre uma realidade algo de si é expresso naquela produção. Algo de sua vida cotidiana e de sua experiência de mundo é colocado num jogo de significações e identificações. Ao assistir a tais imagens o espectador pode ou não se identificar com a produção ou parte dela. As mídias são fortes mecanismos de construção identitária numa sociedade midiaticizada, por isso, pensar a produção audiovisual do projeto *Ocupar Espaços* nos remete aos processos de construção da identidade do morador da favela e às relações que participam da dinâmica entre favela e asfalto.

Antes de iniciar o debate sobre a identidade da periferia, e as suas possibilidades de representação, cabe uma breve explanação sobre as noções de identidade que aqui serão trabalhadas. Temos a partir das idéias de Hegel (1977) expostas no livro *Fenomenologia do Espírito*, que a identidade se coloca a partir de um lugar reconhecido pelo outro, “falando em termos gerais, a modernidade de Hegel está centrada no desenvolvimento da idéia de um Eu que é definido como a negação do Outro” (PETERS, 2000, p.55). A “autoconsciência” ou “consciência de si” se apresenta a partir de um Eu total constituído historicamente que aniquila um Outro na busca por seu reconhecimento. Ter consciência de si é, antes de qualquer coisa, ter consciência do outro. É nesse jogo entre o Eu e o Outro que as classes e grupos sociais vão se constituindo e se diferenciando. É nessa arena de reconhecimento e negação que a periferia se coloca diante da cidade formal, e vice-versa.

Assim sendo, é preciso refletir sobre os parâmetros que espelham a formação identitária do morador de favela no contexto brasileiro e sobre a constelação de possibilidades que pode levá-lo de um extremo a outro. Afinal, a partir dos padrões éticos e morais que regem a vida em sociedade a favela reúne boas e más possibilidades para construção das identidades. A *modernidade tardia*, termo utilizado por Anthony Giddens (2002) para descrever o nosso mundo de hoje, “produz diferença, exclusão e marginalização”, afasta as possibilidades de emancipação, criando ao mesmo tempo “mecanismos de supressão, e não realização, do eu” (GIDDENS, 2002, p. 13). Para além desta constatação, a modernidade coloca o processo identitário numa amálgama sempre aberta às revisões, construída reflexivamente.

(...) o eu, como contextos institucionais mais amplos em que existe, tem que ser construído reflexivamente. Mas essa tarefa deve ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades. (GIDDENS, 2002, p. 11).

Hoje, demarcar espaços de identificação é cada vez mais uma tarefa complexa. Nas comunidades de periferia esta tarefa ganha itens que redimensionam e complexificam ainda mais esta busca. O lugar do morador de favela oscila entre o lugar das culturas hip-hop, funk, pagode, axé e afro-brasileiras. O tráfico de drogas, a criminalidade e a insegurança dos centros urbanos são elementos presentes nesta construção e com eles é preciso de alguma forma dialogar, tanto para a adesão quanto para a não adesão. O desemprego, a precariedade da educação pública e os estímulos para o consumo na sociedade

contemporânea marcam um lugar fortemente presente nas escolhas e nos caminhos seguidos por estas populações. A transformação do modelo tradicional de família e o convívio em comunidade (que trazem tensões entre segurança, liberdade e solidariedade) são também constituintes identitários. Além disso, a forma como a mídia retrata estas comunidades, disseminando imagens, estigmas e valores, colocam-nas no lugar de outro, um outro excluído pela cidade formal. Assim, o morador de periferia arquiteta sua identidade através do diálogo entre um imaginário construído socialmente sobre a vida nos aglomerados, a peculiar situação de desigualdade social que reflete incisivamente sob a qualidade e forma de vida na favela e, essencialmente, as disposições subjetivas do sujeito.

(...) as transformações introduzidas pelas instituições modernas se entrelaçam de maneira direta com a vida individual, e, portanto com o eu. Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre dois “extremos” da extensão e da intencionalidade: influências globalizantes de um lado e disposições pessoais de outro. (GIDDENS, 2002, p.9)

Ao falar das influências globalizantes que dialogam com as disposições pessoais é preciso remeter à mídia enquanto espaço que abrange e catalisa os demais movimentos de configuração identitária, na medida em que constrói suas narrativas em constante diálogo com a vida social. As interações entre os meios de comunicação e a vida social são produzidas num movimento onde um reconfigura ao mesmo tempo em que é reconfigurado pelo outro. É como se a mídia fosse alimentada pela dinâmica social e, a dinâmica social constituída também a partir da mídia.

Parte da visibilidade midiática conferida ao morador de favela está marcada por imagens cristalizadas, ligadas à criminalidade e ao descaso social. Em sua maioria são pessoas negras, de baixa renda, que convivem fora dos padrões de vida disseminados pela sociedade. Pensando as representações do morador de favela neste jogo de interação entre os meios de comunicação e a vida social é fácil nos remetermos à estas identidades. Ao caminhar por uma grande cidade à noite, e ver adiante este tipo de figura, um típico morador de periferia, a reação quase que subjetiva do caminhante é atravessar a rua, passar para o outro lado, sair de perto daquele sujeito que foi configurado enquanto ameaça social. Nesse sentido, a autora Elizabeth Rodelli (2000) aponta o caráter histórico desta situação das pessoas que habitam espaços de pobreza.

(...) Os mecanismos discursivos apontados mostram uma associação já afirmada em outro contexto histórico, entre classes laboriosas e classes perigosas. Relação que torna o pobre um inimigo potencial, cujo contágio se deve abominar. Atitude típica das sociedades do *apartheid* e da segregação do diverso, que justificam esses comportamentos atribuindo culpa ao pobre pela pobreza. (RONDELLI, 2000, p.97)

Esta pessoa de imagem cristalizada vem da periferia, espaço que abriga as populações menos favorecidas e excluídas dos grandes centros urbanos. Excluídas no sentido de não fazer parte da cidade dita como formal, de constituir uma camada da população - em sua maioria vinda de cidades do interior -, que teve como opção de vida a construção de barracos em aglomerados urbanos e a ocupação subserviente de funções na escala de produção capitalista.

Aqui, é importante questionar as visões que reduzem a periferia a “um lugar de ausência e excluídos” (ROCHA, 2005, 187). Para além das questões referentes à má distribuição de renda na nossa sociedade é preciso pensar nos demais elementos que compõe a vida nos aglomerados. A negociação dos espaços, a ocupação das vilas e becos, as manifestações artísticas e culturais, o convívio com as armas de fogo e o tráfico de drogas, a composição familiar das pessoas de classes mais baixas, a ausência ou inoperância das políticas públicas e o entendimento comum⁹ que rege a vida na periferia são peculiares a esta estrutura. Aqueles que não habitam a periferia conhecem estas peculiaridades através dos enquadramentos da mídia.

A exclusão social é uma questão complexa que merece ser abordada sob seus aspectos econômicos, políticos e éticos. É fato que a maioria das imagens disseminadas sobre a favela, tanto na mídia como nos demais espaços de produção simbólica como, por exemplo a escola, são operadas pela ótica econômica, a falta de recursos e as implicações desta falta. De acordo com Oliveira (1997), citado pela autora Simone Rocha (2005), desconsiderar os fatores éticos e políticos da exclusão social nos impede de pensar a natureza de cidade que estamos construindo, o caráter de vida social onde a desigualdade é

⁹ O entendimento comum, para Zigmund Bauman (2003), é algo peculiar à vida em comunidade. Nela as relações entre as pessoas fluem naturalmente, é possível esperar pela simpatia e ajuda dos demais. A palavra comunidade transmite uma sensação boa de lugar aconchegante, confortável, seguro, as pessoas da comunidade não são estranhas entre elas. É fácil perceber quem é e quem não é de uma comunidade. Para o autor, as pessoas em comunidade podem contar com a boa vontade dos outros, a “obrigação fraterna”, e a vontade conjunta de melhorar a vida em comum.

algo inerente e que, por isso mesmo, carece de constantes reflexões com abordagens éticas e políticas, vinculadas às necessidades dos sujeitos e grupos e às lutas e experiências concretas que buscam novas perspectivas de inclusão.

Analisar o problema dos excluídos sob o viés econômico nada diz sobre a necessidade – que não é econômica, mas ética e política – de sua inclusão. (...) Em resumo, o conceito de excluídos tem uma razão teórica, mas, sobretudo, ética e política: é ele que nos interpela sobre a natureza da polis que estamos construindo (grifos nossos) (OLIVEIRA, 1997, p.60 *apud* ROCHA, 2005, p.189)

Sob esta reflexão, o *Ocupar Espaços* pode ser apresentado como uma experiência que busca a inclusão política e ética dos moradores de periferia na medida em que os convoca a exercer seu direito à expressão e opinião, falar de suas realidades, ocupar os espaços públicos, envolver os pares e não pares em um movimento de participação na vida social da cidade e da comunidade através da produção de imagens. Uma questão recorrente em algumas produções videográficas realizadas pelos moradores da periferia, é o fato de que elas reproduzem os sentidos hegemônicos da exclusão. Tal constatação pode estar relacionada à não percepção da natureza política e ética do problema até porque, não são dadas a eles as condições para desenvolver tal reflexão. Assim sendo, o projeto em questão busca quebrar certos estereótipos defendidos até mesmo pelos próprios moradores de periferia, criando novos sentidos para as produções.

Diante das diferenças produzidas pela modernidade as relações entre a favela e a cidade formal se constituem em meio a uma série limites, possibilidades e demarcações estabelecidas pelas grandes instituições sociais como a escola, o Estado, a família, o mercado e a mídia. Focalizando a participação dos meios de comunicação na constituição desta relação, temos que a favela é um espaço que, geralmente, a cidade vê através dos meios de comunicação tanto pelo fato da cidade “não subir o morro”, quanto pelo fato de a favela atender aos quesitos da noticiabilidade, apresentando ao jornalismo fatos que geram polêmica e atraem o espectador.

Violência e criminalidade são matérias-primas importantes para a elaboração do conteúdo noticioso dos meios, que delas se apropriam discursivamente para uso comercial – vender a notícia como produto, disputar audiência ou leitores, concorrer com outros veículos – e para fins políticos – construir a opinião pública e provocar ações políticas. (RONDELLI, 1995 p.98)

Ao ser visto pela televisão, ou lido nos jornais, o morador da periferia é apresentado sob os olhares dos produtores de mídia, representado sob certos aspectos que constituem sua identidade. Frequentemente, a mídia constrói um imaginário sobre a periferia, conseqüentemente sobre seus moradores, onde são estereotipados na figura do pobre, do bandido, do desempregado, da prostituta e do traficante.

O caráter ideológico do adjetivo “violento” fica claro quando é utilizado sistematicamente para caracterizar o “outro”, o que não pertence ao mesmo estado, cidade, raça, etnia, bairro, família, grupo etc. Em algumas cidades, o crime e a violência são como um artifício ou idioma para se pensar o outro”. (Merry, 1981 & Vargas, 1993 *apud* ZALUAR, 1998, p.201)

Por via das produções midiáticas, estigmas sociais são alimentados. Mesmo considerando o valor da mídia e percebendo que “ela seja uma importante instituição social que muito contribui no fomento do debate de questões de natureza pública e interesse coletivo” (ROCHA, 2005, p.190), principalmente para os moradores da periferia que possuem poucos espaços de informação e debate público, percebemos uma redução simbólica nas produções sobre a vida nos aglomerados urbanos. Assistimos à espetacularização da periferia que conduz o morador de favela a ocupar o lugar do outro, aquele que representa o medo, na maioria das vezes, o morador de favela é expresso na pior de suas facetas, a da criminalidade. A favela é condenada a representar um ninho de problemáticas e armas contra a sociedade. Tal comportamento midiático está espelhado numa visão global e restrita que a cidade formal tem da periferia.

Ao deslocar a produção de mídia sobre a periferia para as mãos da periferia alguns esteriótipos podem ser quebrados, outros reproduzidos. As produções de vídeo no projeto *Ocupar Espaços* trazem imagens do cotidiano, imagens de eventos típicos e atípicos nas comunidades, imagens simbólicas em que o morador de favela se apropria da câmera, imagens que trazem traços da identidade do morador de favela e participam do processo contínuo e reflexivo de construção das identidades.

A identidade tem a ver com discursos, objetos, práticas simbólicas que nos posicionam no mundo – que dizem nosso lugar com relação ao outro (outros pontos de referência, outro lugar). Ao fazer isso, a identidade também marca e estabelece uma posição, o lugar que efetivamente construímos e no qual nos inserimos. Ela se constrói assim – nessa interseção entre discursos que nos posicionam e o nosso movimento de nos posicionarmos enquanto sujeitos no mundo (FRANÇA, 2002a, p.28)

O que mais chamou atenção da equipe técnica do projeto foi o desejo das pessoas se verem nas imagens. Durante as reuniões com as comunidades, a maior demanda era pela exibição e democratização de tais exibições dos vídeos nas diversas vilas dos dois aglomerados. Ver sua casa, seus amigos, sua rua “como se fosse um cinema” na própria comunidade foi algo determinante no redimensionamento das ações do projeto. Naqueles vídeos as pessoas dos Aglomerados Serra e Santa Lúcia se viam representadas. Naquelas imagens, algo que é próprio deles estava expresso e isso não acontece com frequência, talvez por isso tenha sido tão importante.

Dinâmicas sociais e a luta pelo reconhecimento

A luta do movimento social passa pelo reconhecimento no coletivo e na comunidade para atingir o território da cidade. Axel Honneth (2003) elege o amor, o direito, e a solidariedade como elementos constituintes do reconhecimento intersubjetivo na sociedade. Num diálogo entre a psicologia social de Mead e as idéias do jovem Hegel, Honneth discute uma teoria que dê conta da transformação da sociedade ligada ao reconhecimento recíproco das partes que a constituem.

(...) a reprodução da vida social se efetua sob o imperativo de um reconhecimento recíproco porque os sujeitos só podem chegar a uma auto-relação prática quando apreendem a se conceber, da perspectiva normativa de seus parceiros de interação, como seus destinatários sociais. (HONNETH, 2003, pág. 155)

O conhecimento e reconhecimento das peculiaridades de cada sujeito, o encontro dos desejos e causas, a construção do estar em sociedade, o envolvimento nas atividades comunitárias e todos os ditames da ação coletiva são colocados por Honneth (2003) em relação às distinções entre as três formas de reconhecimento recíproco: “da dedicação emotiva, como a conhecemos em nossas relações amorosas e das amizades, são diferenciados o reconhecimento jurídico e o assentimento solidário” (HONNETH, 2003, p.157). Sob estas três formas distintas, a luta pelo reconhecimento social pode apresentar “uma força estruturante na evolução moral da sociedade” (HONNETH, 2003, p.156).

O autor remete á luta pelo reconhecimento à práxis da vida social. São as micro-políticas do cotidiano, expressas no modo de ser e conviver das pessoas, que irão mover as

transformações da sociedade. Nesta perspectiva, a escola, a comunidade e o projeto social operam núcleos de convivência, articulação e acolhida dos moradores de periferia. Lugar de encontro, espaço de política do cotidiano.

No primeiro reino discutido por Honneth está o amor onde as ligações emotivas do ser humano, de acordo com Hegel, “tem que ser concebidas como um “ser-si-mesmo em um outro””. O equilíbrio buscado nas relações primárias ligadas à afetividade oscila entre a autonomia e a ligação. Enquanto forma de reconhecimento, este processo “depende da preservação recíproca de uma tensão entre o auto-abandono e a auto-afirmação individual (HONNETH, 2003, p.160). Este domínio do reconhecimento social demarca a construção da auto-confiança básica, e tem nas relações de proximidade e intimidade suas principais constituintes. A confiança atinge um patamar essencial nessa trajetória. Não apenas no que diz respeito ao outro e ao coletivo, mas também, a si mesmos. A ação coletiva se constitui a partir de vários elos e a ligação entre eles passa, antes de qualquer coisa, pela confiança que é desenvolvida mutuamente pelas partes e pela “auto-confiança individual, que é base indispensável para a participação autônoma na vida pública” (HEGEL *apud* HONNETH, 2003, p.178).

A luta pelo reconhecimento social também está ancorada na questão dos direitos, segundo domínio estabelecido pelos autores que vêm sendo abordados. Um movimento que caminha em busca da organização e solidificação considera a consciência dos direitos humanos e a percepção do direito do outro como elementos constituídos social e historicamente. Tal domínio se refere ao auto-respeito e ao respeito diante do outro, “viver sem direitos individuais significa para o membro individual da sociedade não possuir chance alguma de constituir um auto-respeito” (HONNETH, 2003, p.196).

No encontro entre moradores da periferia e não-moradores da periferia o projeto *Ocupar Espaços* busca estabelecer relações recíprocas de reconhecimento dos direitos. Para que a ação se torne coesa é preciso estabelecer ligações de respeito entre os saberes, as práticas e as vivências cotidianas. Sob esta abordagem o projeto elege o direito à expressão e opinião como um mecanismo de supressão das desigualdades, de encontro das diversidades e de transformação simbólica a partir da produção de mídia. Entretanto, esta dimensão encontra alguns entraves no que diz respeito aos diversos níveis de percepção dos objetivos do projeto e dos sentidos que podem ser operados através da produção midiática.

A auto-confiança e a confiança no outro também se apresenta como uma dimensão presente no projeto, os laços construídos entre as pessoas conduzem o desenvolvimento da ação. A apropriação das práticas do projeto por parte dos moradores se dá através das trocas realizadas entre os participantes, do morro e do asfalto.

O terceiro domínio da luta pelo reconhecimento social, a solidariedade, pressupõe que os membros de um grupo ou de uma comunidade compartilham valores e objetivos comuns. Diante da intenção de realizar um processo de criação coletiva entre morro e asfalto, tal domínio apresenta para o objeto em análise fortes referências para uma construção compartilhada, mas que demanda processos coletivos e reflexivos com vistas a atingir o caráter de luta social. Para que esta luta adquira tal caráter os grupos precisam de quadros culturais que não desvalorizem suas características e dinâmicas sociais.

Para poderem chegar a uma auto-relação infrangível, os sujeitos humanos precisam ainda, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas. (HONNETH, 2003, p.198).

A estima social e a solidariedade são legitimadas na medida em que os objetivos éticos, a diversidade de valores e quadros culturais e a horizontalidade das relações assumem a construção dos processos de estima social, aqueles que se aplicam às particularidades e às universalidades dos sujeitos.

Nas sociedades modernas, as relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar, com os meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas à sua forma de vida (HONNETH, 2003, p.207)

As forças simbólicas participam da constituição da estima social e, além destas, as atenções públicas direcionam o reconhecimento ou o não reconhecimento dos grupos em sociedade. Com isso, os meios de comunicação habituais e as formas alternativas de expressão e visibilidade, como o projeto *Ocupar Espaços*, podem adquirir densa importância nas lutas sociais. Através da produção simbólica as lutas reverberam na sociedade podendo construir dinâmicas de transformação ética e política na sociedade.

As dimensões do reconhecimento social discutidas por Honneth (2003) nos levam a pensar nas relações simétricas, que “significam que todo sujeito recebe a chance, sem graduações coletivas, de experienciar a si mesmo, em suas próprias realizações e capacidades, como algo valioso para a sociedade (HONNETH, 2003, p.211). Com isso, o objeto em análise é provocado a refletir sobre as medidas em que tais relações se estabelecem. Para além de analisar tais dinâmicas de simetria, é importante destacar que elas devem estar em constante processo de revisão. As relações humanas e sociais implicam em relações de poder e desigualdade com isso, para que tal simetria seja sempre uma perspectiva é preciso resguardar o espaço de revisão e atualização das práticas.

Deslocamento de olhares, construção de outras visões

Assistimos a um momento peculiar da imagem da periferia na sociedade. A alta visibilidade da favela circula, paradoxalmente, entre a visão hegemônica que a reduz ao habitat dos bandidos e traficantes, lugar de pobreza e exclusão social, e a emergência de uma estética da periferia, de produtos culturais sobre a favela que a colocam no lugar do belo e de produtos culturais nascidos na favela que expressam quadros de valor e cultura que reverberam num espaço mais amplo.

Para além do caráter negativo representado pelos produtos culturais acerca da pobreza e da vida na favela, a mídia vem assumindo um importante papel na quebra de estereótipos e uso de seu potencial alcance no agendamento de questões que dizem respeito à cultura de periferia, à melhoria das condições de vida na favela e à visibilidade de temáticas que requerem atenção do Estado e da sociedade civil. O recente quadro representa a apropriação dos espaços midiáticos pela periferia a partir de novos olhares, principalmente dos jovens que assumem o lugar de produtores de informações sobre suas realidades.

Se por um lado, com grande frequência o popular e a periferia são estigmatizados, por outro lado, as minorias, ao vincular sua produção na mídia (nova e na tradicional), vêm conseguindo se constituir em agentes ativos no processo de construção da cidadania. (HERSCHMANN, 2003, p.147)

A emergência das culturas *hip hop* e *funk*, “do morro para o asfalto”, traz às vitrines das lojas de classe média/alta uma nova moda. O rap por muito tempo condenado e negado pelo mercado fonográfico se apresenta nas telas do cinema ou nas casas de shows noturnos. O baile o *funk* vai à novela das oito, desce o morro e ocupa as noites da juventude contemporânea. Por um lado, uma nova estética é apresentada, nela as cores da periferia são mais vivas, os olhares mais humanos e crentes na transformação social. “(...) a sensação que se tem hoje no Brasil é a que a periferia, a cultura da periferia “entrou em moda” (HERSCHMANN, 2003, p.150). A classe média/alta consome os produtos culturais da periferia com um certo glamour. Por um outro lado, podemos pensar que estas novas formas de conceber a favela nos produtos culturais que circulam em esferas de ampla visibilidade podem trazer elementos para a constituição de vias para a mobilidade simbólica, “desempenhar algum papel no processo que busca esse deslocamento e essa nova referência”(ROCHA, 2005, p.188).

Consideramos mobilidade simbólica a noção que traduz o deslocamento de uma visão pré-concebida e, (por que não?), preconceituosa acerca de excluídos, no caso, moradores de favela, para uma visão que os toma como sujeitos comuns, com dilemas e aspirações também comuns, que não representam um risco *a priori* para os demais pelo fato de ser morador de favela. (ROCHA, 2005, p.188).

Não apenas novos olhares incidem sobre a periferia, mas também novos discursos são construídos na inserção de grupos minoritários na cena pública. A periferia e as minorias que nela habitam e militam passam a perceber na mídia um forte aliado para a visibilidade de sua condição social, onde as manifestações culturais são utilizadas para reivindicação de espaços de cidadania. O próprio movimento *hip hop* vem ocupando a cena midiática com consistentes conteúdos de cunho social, relacionados aos direitos humanos, que mostram a vitalidade do movimento. Além disso, tais conteúdos em circulação nas próprias comunidades adquirem um caráter de mudança e mobilização social.

Articulações

As manifestações e as práticas cotidianas da periferia ganham valor. As vozes dos movimentos sociais são repercutidas nas tramas da sociedade civil e colocam em pauta a democratização do país, os processos de exclusão social, as conseqüências e possíveis soluções para a transformação da vida na favela através de políticas públicas conquistadas e operantes. Para isso, são necessárias constantes revisões de mentalidade no que diz respeito à favela do século XXI e aposta-se na diversidade e vitalidade das periferias como motores para estas mudanças. As revisões de mentalidade são tentativas de mobilidade simbólica, através da inserção e transformação dos olhares pode ser possível perceber ao curso da história um movimento de mudança das imagens e práticas sociais estabelecidas sobre a favela e seus moradores.

Ao conectar favela com favela, morro com asfalto, o projeto *Ocupar Espaços* pretende deslocar as visões sobre a periferia, principalmente por parte de seus próprios moradores que, acabam por reproduzir os sentidos hegemônicos que circulam sobre suas realidades na dinâmica da vida social. O projeto pode apresentar-se com uma boa tentativa de conjugar pessoas numa luta que não é apenas na periferia, mas de toda a cidade.

Articulando comunicação/educação, arquitetura/urbanismo, política/ética e arte/tecnologia o objeto faz uma conexão entre alguns dos principais elementos de constituição da vida social, buscando interações capazes de estabelecer uma luta social sem armas, mas, por meio de imagens, cotidianos, olhares e singularidades que são comuns na vida individual e coletiva das comunidades da periferia e que podem conectar novas significações. Nelas o morador de favela é reconhecido como sujeito de direitos, com quadros de valores culturais específicos, potencial político e ético capaz de arquitetar os rumos para uma leitura de mundo mais simétrica entre os grupos que vivem em sociedade.

Referências Bibliográficas

- ARENTH, Hannah. **A condição humana**. 10ª.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005. p. 15-88.
- BAUMAN, Zygmund. **Comunidades: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Hacker, 2001.
- FRANÇA, Vera Regina Veiga. Discurso de Identidade, Discurso de Alteridade: a fala do outro. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga (org). **Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002a.
- FRANÇA, Vera. **Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos de apreensão da comunicação**. In: AIDAR PRADO, José Luiz. **Crítica das Práticas Midiáticas: da sociedade de massa as ciberculturas**, São Paulo: Hacker Editores, 2002b.
- FRANÇA, Vera. **Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?** In: MOTTA, L.G.; WEBER, M.H.; FRANÇA, V.; PAIVA,R. (Org). **Estratégias e culturas da comunicação**, Brasília: Ed.UnB, 2002c.
- GIDDENS, Anthony. O surgimento da política-vida. In: _____ . **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002, p.193-212.
- HERSCHMANN, Micael. Articulações entre o campo da política, da cultura e da comunicação. In: FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda de Carvalho (org). **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez Editora, Ação Educativa e Fundação Friedrich Ebert, 2003.
- HONNETH, Axel. Padrões de reconhecimento intersubjetivo: amor, direito, solidariedade. In: _____. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 155-211.
- LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- PETERS, Michael. Hegel, a modernidade e a lógica da “identidade”. IN: **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIN, Antônio Albino Canelas (org.). **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador. Edufba/Unesp, 2004, pp.74-104.
- ROCHA, Simone Maria. **Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na sena midiática**. Contemporânea, Vol.3, nº1, p.185-217, janeiro/junho/2005.

RONDELLI, Elizabeth. Media, representações sociais da violência, da criminalidade e ações política. In: Revista **Comunicação e Política**, 1995, n.5, v.1, n.2, p.97-108.

RONDELLI, Elizabeth. Mídia e Violência: ação testemunhal, práticas discursivas, sentidos sociais e alteridade. In: Revista **Comunicação e Política**, 2000, n.s, v.4, n.3, p.141-160.

RUDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998, p.16.

ZALUAR, Alba. Crime, medo e política. In ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (org.), **Um século de favela**. Rio de janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas: 1998.